

O PONTO DE FUGA: TEMPO, FOME, FALA E PODER EM ‘VIDAS SECAS’ E ‘SÃO BERNARDO’*

FRANCISCO FABIANO DE FREITAS MENDES

Mestrando em História Social
Universidade Federal do Ceará
ffabianofm@mailbr.com.br

Poderia começar trançando, ou melhor, copiando uma fácil listagem de fatos, nomes e datas que compõem o tempo de Graciliano Ramos e que traria aquela impressão de biografia que sugere credibilidade. Ora, biografias excelentes já foram feitas sobre o “Velho” e me contento com elas. Para o meu propósito aqui, prefiro começar assim: “*falo somente o que falo: com as mesmas vinte palavras girando ao redor do sol que as limpa do que não é fato.*”¹ As palavras do escritor são poucas e afiadas. As letras têm o gume das lâminas impiedosas e nos sopram um hálito sinceramente pessimista – apesar de seu dono negar, às vezes. Como descreve Carpeaux, “*é muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa.*”²

Já se tornou lugar comum classificar a prosa graciliânica de seca, econômica, faminta, pessimista; mas, são características que não podem simplesmente ser esquecidas porque foram exaustivamente especuladas. Compreender o tempo graciliânico através de suas obras é observar o debater de conteúdo-forma com a sua época. A obra luta não só para dizer que seu mundo é assim, a maior luta da obra é entrar, estar no mundo, e nele sobreviver.³ Quando em *Memórias do Cárcere* relata o encontro com seus dois primeiros romances – *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934) – que estão sendo lidos pelo russo Sérgio, seu colega de cela, o faz assim:

“...Com um estremeamento de repugnância, vi Sérgio embrenhado na leitura do meu primeiro romance.

– Pelo amor de Deus não leia isso. É uma porcaria.

Ingênuo tentei explicar-lhe em grande embaraço. A publicação daquilo fora consequência de uma leviandade.”

(...)

“Uma vez encontrei-o agarrado ao meu segundo romance. Virou a folha, avizinhei-me, entrei a rever pedaços da minha terra. Ia chegando ao fim da página esquerda e o moço voltou a folha de novo.

– Não é possível que você tenha lido essas duas páginas, afirmei.

– Porquê?

– O autor dessas drogas sou eu, e apenas li uma vez.”⁴

Grosseira mentira sempre sustentada em público. Graciliano estava constantemente em combate com sua própria obra e o remexer constante no texto revelava a busca de uma perfeição. Mas não podia ele ser um militante da vaidade artística. No íntimo, em cartas a Heloísa – sua segunda esposa – a conversa era outra: “*O S. Bernardo está muito transformado, Lô. Seu Paulo Honório, magnífico, você vai ver.*”⁵

O mesmo pode ser dito em relação a *Vidas Secas*. Em texto publicado em 1943 – numa espécie de resumo de sua trajetória – o comentário que faz sobre a saga de Fabiano, Sinhá Vitória, os dois menino e a cadela Baleia, é este: “*Mudei-me para o Rio, ou antes, mudaram-me para o Rio, onde existo, agora. Aqui fiz o meu último livro, história mesquinha – um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos.*”⁶ Novamente é em carta, de 1937, também a Heloísa, que a oposição entre a opinião em público e a privada e a diferença entre a auto-crítica no calor da hora e a esfriada pelo passar dos anos se estabelece:

“Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás.”⁷

De história mesquinha, *Vidas Secas* passa a ser o olhar sobre o desejo dos homens – sei que a temporalidade está invertida, mas a questão é que não importava a máscara que o escritor usasse para confrontar-se com seus escritos; eles são seu maior manifesto. Anos depois, a crítica apontaria Baleia como um dos personagens mais humanos da literatura graciliânica. Aliás, no caso do escritor alagoano, a crítica foi uma das responsáveis por sua incursão na literatura. O estranho cartão de visitas para o mundo da literatura, fora uma coletânea dos relatórios do prefeito de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos, ao governador Álvaro Paes entre 1928-30.

Chamo *Os Relatórios* de estranho cartão de visitas, porque a crítica, os jornais, os intelectuais em geral, enxergaram neles verdadeiras peças literárias camufladas na burocracia de relatos administrativos e cifras de réis.⁸ O que mais me interessa, no entanto, é o painel político e a estrutura social que *Os Relatórios* apresentam. Neles, o olhar amargo, mas ao mesmo tempo cuidadoso, escrutinador, que lança à sociedade, mostra um prefeito diferente que os jornais da época alcunham de “revolucionário” – claro, com os “arrodeios” que o termo no período exigia:

“O Sr. Graciliano Ramos tem se revelado na administração de seu município um verdadeiro revolucionário, mas um revolucionário na independência de ação em benefício de sua terra.

O relatório de seus primeiros atos ao assumir o cargo de Prefeito de Palmeiras dos Índios, vazado em moldes humorísticos, demonstra o vigor de sua atuação. O afastamento de funcionários sem idéia do bem público e falhos no cumprimento de seus deveres foi o seu primeiro ato. Depois vieram os outros: construção de estradas de rodagem, limpeza de cidade, higiene, uma grande série de serviços, enfim, que o recomenda à gratidão de seus munícipes.”⁹

Mas é a partir das palavras do próprio prefeito que elenco alguns pontos para a discussão em torno do processo de elaboração de *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Enquanto isso, elas também servem como pretexto para pitadas essenciais de biografia e contextualização.

Dentre elas, citemos umas que revelam a prática do patrimonialismo:

“Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do município tinha sua administração particular, com Prefeitos coronéis e Prefeitos inspetores de quarteirões. Os fiscais, esses, resolviam questões de polícia e advogavam.

Para que semelhante anomalia desaparecesse, lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela – dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bÍlis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos do Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro.”¹⁰

Essa relação nada amistosa que tivera com os coronéis que queriam ser prefeitos ou mesmo com fazendeiros que não queriam ser “perturbados” pela administração, ajudaram Graciliano a compor – dois anos após sua renúncia do cargo de prefeito, ou seja, 1932 – o universo de *São Bernardo* e as relações que Paulo Honório mantinha.¹¹ Com a imprensa local, em Viçosa-AL era o Azevedo Gondim: redator e revisor da revista local *Cruzeiro*. Gondim era amigo próximo a Paulo Honório e muitas vezes punha a *Cruzeiro* a serviço do fazendeiro. Já com a imprensa da Capital, a relação ficou arranhada quando o Costa Brito, editor da *Gazeta*, publicara notícia insinuando que Paulo Honório havia matado seu vizinho e rival em questão de terras, o Mendonça. A notícia foi a público porque Paulo Honório não mandara a quantia que o Costa Brito tentara lhe extorquir. Com o chefe político local – Pereira – a relação era de troca de favores, apoio político nas eleições com votos de cabresto; já com o governo estadual, a relação se dava também por garantia de curral eleitoral, empréstimos e benfeitorias públicas que o fazendeiro deveria fazer associando sua iniciativa ao nome do governador. Com a lei – o juiz, Dr. Magalhães – a relação era de favores envolvendo questões de terra e vistas grossas para não enxergar pequenos delitos, pequenas violências. Nesses casos, aparecia a figura eficiente do advogado – João Nogueira. Todos esses personagens que compõem a trama de *São Bernardo*, são figuras que fazem parte dos jogos políticos e das relações sociais no período da nebulosa fronteira que separa a Velha da Nova República.

O romance, e mais precisamente Paulo Honório é fruto do olhar que Graciliano lança à sua época e terra, percebendo as contradições porque passa o país e como o Nordeste está nascendo nesse meio (,) confuso.¹²

Graciliano não era líder local – sua renúncia no início de 1930, por questões tanto pessoais como pelo quadro político que se desenhava, revela que sua intenção não era a de um carreirista. Não operava através do mandonismo clássico ou acordos com a coronelada. Nas suas próprias palavras, a campanha que sofrera fora da prefeitura, estava carregada de bñlis.

Do relatório, podemos extrair ainda a passagem que fala sobre a agricultura e a relação de pequenos e grandes proprietários rurais.

“Favoreci a agricultura, livrando-as dos bichos criados à toa; ataquei as patifarias dos pequeninos senhores feudais; exploradores da canalha; suprimi, nas questões rurais, a presença de certos intermediários, que estragavam tudo; facilitei o transporte; estimulei as relações entre o produtor e o consumidor.

Se eu deixasse em paz o proprietário que abre as cercas de um desgraçado agricultor e lhe transforma em pasto a lavoura, devia enforcar-me.

Sei bem que antigamente os agentes municipais eram zarolhos. Quando um infeliz se cansava de mendigar o que lhe pertencia, tomava uma solução heróica: encomendava-se a Deus e ia à capital. E os Prefeitos achavam razoável que os contraventores fossem punidos pelo Sr. Secretário do Interior, por intermédio da polícia.”¹³

Nesse caso, a saga de Fabiano e sua e família, retirantes que vagam pelo sertão pulando de uma seca a outra, o que de fato quer dizer, de uma fazenda a outra, de um patrão a outro, bem como a saga de Paulo Honório na tentativa de trazer os seus sob suas rédeas e sugar-lhes, já eram, de certo modo, apontadas nos relatórios. O contato que tivera com essas gentes possibilitaram a feitura de suas personagens:

“Todos os meus tipos foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que eu penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam, senão, pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam.”¹⁴

As experiências com as diversas faces do poder, autorizam Graciliano a falar do seu meio e do seu tempo de forma que o escritor sempre pôde escrever – aos moldes do Zaratrusta de Nietzsche – com o próprio sangue. E é a partir de *Infância* e *Memória do Cárcere* – mais do primeiro do que do segundo, creio – que podemos ver esse sangue escorrer nas páginas do escritor que oprimem não só as letras que a elas se prendem de modo ajustado, rígido (forma), mas a sua mensagem que não fala de outra coisa que não seja o embate entre homens que querem prender e homens que precisam e nem sempre conseguem, fugir (conteúdo).

O autor alagoano tem sua vida e sua obra marcadas pelo controle, pela disciplina e pela punição. Sua infância está repleta de episódios que traduzem várias situações que mais tarde irá pôr em suas obras de ficção. Os castigos para aprender a ler e a punição sumária sofrida por delitos não cometidos, bem como a sequidão dos pais ou a ausência de comunicação entre os membros da família, irão formar o conceito de justiça que estará a conviver com ele durante toda sua vida.

Em *Infância*, são esses os episódios escolhidos para compor a maioria do corpo da obra, é o que escolhe o autor, é o que ele quer mostrar, deixar registrado. Em *Memórias do Cárcere* aquele conceito de justiça que abraça os homens de seu tempo está presente em toda obra. Graciliano, de certo modo, volta até sua infância e revê a dificuldade do homem em transitar no seu meio; nessas memórias, o cárcere toma a forma metafórica da fazenda e o carcereiro é a figura - cercada de todos os símbolos – do pai.

Mas se nos atermos a *Infância*, e acho que é suficiente, veremos o autor tentando resolver – não suprimir – as lembranças do seu passado. *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas*, todas essas obras, haviam sido formas de se entender com as lembranças de seu passado mais remoto num exercício de reversibilidade entre mundo vívido e o mundo do

presente, pois o escritor sabia da impossibilidade de contar e de lembrar o passado tal qual foi.¹⁵ Quando lança seu primeiro romance dito autobiográfico, o faz sobre a base já arquitetada nos seus romances de ficção que, de algum modo, já o continha. Em contrapartida, o presente, como também quer Benjamim, deve ser o fator principal da lembrança. Esse passado sem descanso a serviço do presente é o combate no hoje de mesmas batalhas injustamente perdidas por ele tanto no passado como ainda no presente e também por aqueles que ele vê sofrer ou sabe que sofre. Desse modo temos uma criança triste às voltas com a incompreensão do mundo:

“As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.”¹⁶

O trecho acima é do caso do cinturão do pai que estava perdido e cuja culpa recai sobre o menino Graciliano que repousava atrás dos caixões de mantimentos – seu costume. O narrador conta que fora arrancado do esconderijo após o pai acordar, enfurecido, à cata do cinturão. Não havia ninguém por perto e a ira é toda canalizada no menino:

“Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.”¹⁷

Utilizando o vocabulário graciliânico, vemos outros pares de “brutos” se reproduzindo em combates injustos. Esse dupla se repete em São Bernardo quando Paulo Honório demonstra seu poder a Marciano, empregado da fazenda. O estopim para a fúria – assim como fora o sumiço do cinturão de seu Sebastião Ramos –, um detalhe: cochos vazios do gado que, segundo Paulo Honório, também o narrador, aquele que recorda movido pelo presente, geraram ofensa, desrespeito:

“– Já para as suas obrigações, safado.
– Acabei o serviço, seu Paulo, gaguejou Marciano perfilando-se.
– Acabou nada.
– Acabei, senhor sim. Juro por esta luz que nos alumia.
– Mentiroso. Os animais estão morrendo de fome, roendo a madeira.
Marciano teve um rompante:
– Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém agüenta mais viver nesta terra. Não se descansa.
Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.
– Você está se fazendo de besta, seu corno?
Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozno, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue.”¹⁸

Batia porque podia bater, e isto era natural. O menino frente ao pai: devendo-lhe a vida, a comida, o vestir, um teto... O empregado frente ao patrão: temendo-lhe a retirada da vida, da comida, do vestir, do teto... O poder que Graciliano pinta nas relações de seu tempo, é um poder total, com sendas milimétricas que rumam confusas e sem garantias para a liberdade. Por exemplo, no caso específico de Paulo Honório, quando num rompante de ira, ofendido, chama a Marciano de “corno”, usa a expressão não somente como insulto. Está-lhe dizendo a verdade. Anuncia sua condição de mandado em todos os sentido possíveis, pois a Rosa, esposa de Marciano, há muito, desde de que adquirira a São Bernardo, vinha-lhe servindo além das obrigações de doméstica e parece que a situação era sabida por todos. Em comentário que faz sobre Marciano, páginas antes do incidente, o elogia assim: *“Todos esses malucos dormem demais, falam à toa. Marciano, coitado, nem por isso. Cuida bem do gado, é marido da Rosa.”*¹⁹

Outro par de “brutos”: Fabiano e o soldado amarelo. Na cidade, na venda de seu Inácio, bebendo cachaça, o primeiro entra num jogo de trinta-e-um a convite do segundo. Fabiano começa a perder o dinheiro que era para a

compra do querosene e sai apressado, sem se despedir de ninguém. O policial, que também vinha perdendo, sente-se ofendido e vai atrás. Debaixo do Jatobá da praça, o encontro. Bem menor que Fabiano, o franzino soldado o encara reclamando respeito. (Façamos uma pausa. Há aqui uma inversão no que se refere ao porte físico, pois enquanto a relação Davi-Golias se estabelece entre o menino Graciliano e seu Sebastião Ramos e entre Marciano e Paulo Honório, no caso de Fabiano com o soldado amarelo, essa relação ao mesmo tempo se inverte e se transforma numa metáfora que confirma o caso bíblico. Se o soldado amarelo é como o pequeno Davi e Fabiano como o gigante Golias, Deus – leia-se governo – está do lado do primeiro, confere-lhe a autoridade, guia os movimentos de sua funda, aliás, dispensa-lhe o uso de funda. No lugar desta lhe dá uma farda e um apito.) Fabiano diz que o soldado só quer confusão, que assim como ele também estava perdendo e não tinha culpa disso. O soldado pisa-lhe com força o pé:

“– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

Toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. [Onde estava o cinturão]

Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

Hum! hum!” (comentário meu)²⁰

Fabiano fica lá, confuso, pensando no que acontecera e porque acontecera. Não encontra resposta. Não sabe porque os homens faziam isso com ele, que tinha tão pouco.

Cercado de portas e janelas fechadas e um teto enegrecido, o menino Graciliano é conduzido ao meio da sala por uma mão peluda que logo em seguida manobra uma folha de couro que lhe fustiga as costas. Como para Fabiano e Marciano, “*uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro.*”²¹ Mais tarde, em 1936, Graciliano iria ser menino de novo nos porões do *Manaus* – navio que levou os presos da polícia política de Getúlio – saindo de Maceió rumo à prisão no Rio de Janeiro.

A relação de Graciliano Ramos com suas personagens já foi interpretada de várias maneiras. Para alguns críticos, o autor é uma espécie de sádico que maltrata suas personagens, não lhes tem carinho e não os poupa dos infortúnios da vida. Para outros – que beberam em Lukács – o escritor soube observar os seus redores e as suas dores a fim de compor romances de análise social a partir de ‘personagens problemas’ ou ‘heróis problemáticos’.²² Mas o ponto a que se pode chegar nessa relação de Graciliano com suas personagens é o da espera (ou esperança) de um futuro que se resolva a partir da ruína, da tristeza que foi o passado.²³ O presente, como sempre, se dissolve entre as duas polaridades da vida. É, no máximo, o momento da triste reflexão com bases nas lembranças e marcas daquilo que era bom ou se achava bom e passou e do que não era bom e continuou. A sensação de futuro a se construir, a se desejar, a se esperar, a se enfrentar, deixada nas últimas páginas de *São Bernardo* e *Vidas Secas* denunciam essa insatisfação com o passado distante e com o passado recente que desembocaram em presentes medíocres. Se assim não fosse, o futuro não precisaria ser lembrado. Graciliano usa a ficção para preencher as lacunas que seus relatórios de prefeito ou em seus livros autobiográficos não conseguiriam ou não poderiam preencher, porque neles há a aura da observação precisa, cerca-os a atmosfera de documentação, apruma-lhes a conduta, a sensação de compromisso com a verdade, impera a mecânica da comprovação. Neles, Graciliano não pode desejar; nos outros o faz discretamente – lembremos a obsessão pelo realismo – mas o faz.

Para concluir, mostro o diagnóstico que Graciliano, no final da sua vida, em um discurso de homenagem ao seu quinquagésimo aniversário, faz de sua própria obra. O estilo sempre “pessimista”, sobretudo quando o assunto é ele

mesmo, não muda. O seu passado, exaustivamente solicitado, aqui também não tem descanso. E as personagens que habitaram sua vida (ficcional?) também são chamadas. Graciliano no seu hoje olha mais uma vez para trás, mas não precisa apurar muito a vista. Seu passado está pertinho, não passou, não descansou e mais uma vez ao associar seu nome ao de Paulo Honório, Fabiano e Luiz da Silva, o escritor transforma-se em personagem de sua própria obra e suas personagens em seres de sua própria vida. Ficção e realidade não se confundem, apenas se irmanam na tentativa de compreender o tempo e mostrar o homem, necessitados de mudança, de melhora:

“É preciso descobrirmos um motivo para esta reunião. Penso, meus senhores e amigos, que a devemos à existência de algumas figuras responsáveis pelos meus livros – Paulo Honório, Luiz da Silva, Fabiano. Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos, porque não sou Paulo Honório, não sou Luiz da Silva, não sou Fabiano. Apenas fiz o que pude para exibi-los, sem deformá-los, narrando, talvez com excessivos pormenores, a desgraça irremediável que os açoita. É possível que eu tenha semelhança com eles e que haja, utilizando os recursos duma arte capenga adquirida em Palmeira dos Índios, conseguido animá-los. Admitamos que artistas mais hábeis não pudessem apresentar direito essas personagens, que, estacionando em degraus vários da sociedade, têm de comum o sofrimento. Neste caso, aqui me reduzo à condição de aparelho registrador – e nisso não há mérito. Acertei? Se acertei, todo o constrangimento desaparecerá. Associo-me aos senhores numa demonstração de solidariedade a todos os infelizes que povoam a terra.”²⁴

¹ Trecho do poema “Graciliano Ramos”, de João Cabral de Melo Neto.

² CARPEAUX, Otto Maria. “Visão de Graciliano Ramos. In RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d., p. 193.

³ BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escritura / Novos Ensaios Críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 05.

⁴ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 1986, pp. 225, 229.

⁵ RAMOS, Graciliano. “Carta 70 – a Heloísa de Medeiros Ramos” In *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 138.

⁶ RAMOS, Graciliano. “Texto publicado em ‘Leitura’, Rio de Janeiro, 1943”. In *Cartas*. Op. Cit., p. 169.

⁷ RAMOS, Graciliano. “Carta 103 – a Heloísa de Medeiros Ramos” In *Cartas*. Op. Cit., p. 200.

⁸ REBELO, Marques. “Encontro com Graciliano – Gazeta de Alagoas, 12-04-1953”. In RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Organizados por: Mário Hélio Gomes de Lima. Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 97.

⁹ “Prefeitos Laboriosos” Correio da Pedra, 15-09-1929. In RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Op. Cit., p. 89.

¹⁰ RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Op. Cit., p. 37.

¹¹ RAMOS, Graciliano. “Alguns tipos sem importância – agosto de 1939” In *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 195. “Nesses oito anos deram-se graves desarranjos na minha vida: mudanças, viagens, doenças, ocupações novas, uma trapalhada medonha. Outra vez assaltado por idéias negras, lembrei-me dos criminosos dos contos. Um deles entrou a perseguir-me, cresceu demasiadamente, um que batizei com o nome de Paulo Honório e reproduzia alguns coronéis assassinos e ladrões meus conhecidos.”

¹² Ver o perfil das relações sociais e político-partidárias do “coronel” em LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa –Omega, 1975, pp. 21-57.

¹³ RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Op. Cit., pp. 56-57.

¹⁴ RAMOS, Graciliano. “Alguns tipos sem importância – agosto de 1939” In *Linhas Tortas*. Op. Cit., p. 196.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. “A Imagem de Proust”. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 36-49.

¹⁶ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, s.d., p. 29.

¹⁷ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Op. Cit., p. 30.

¹⁸ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 64ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, pp. 107-108.

¹⁹ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Op. Cit., pp. 60.

²⁰ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1998, pp. 29-30.

²¹ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Op. Cit., p. 31.

²² LINS, Álvaro. “Valores e Misérias das Vidas Secas”. In RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Op. Cit., pp. 131 e 137; LAFETÁ, João Luiz. “O Mundo à Revelia”. In Ramos, Graciliano. Op. Cit., pp. 212-217; e COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 166. A lista se estenderia bastante e seria bastante diversa. Abarcaria um Wilson Martins, um Alfredo Bosi, um Helmut Feldman, uma Flora Süsskind, um Wander Mello Miranda, um Antonio Candido.

²³ ALBUQUERQUE-Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 233; CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, pp. 52-53.

²⁴ RAMOS, Graciliano. “Discurso de Graciliano Ramos – homenagem ao seu quinquagésimo aniversário” In *Relatórios*. Op. Cit., pp. 139-140.